

nara roesler

são paulo

50

mônica ventura

antes da forma, o encanto

curadoria de catarina duncan

nara roesler são paulo

abertura 26 de maio

exposição 26 mai – 8 ago, 2026



mônica ventura **antes da forma, o encanto** curadoria de catarina duncan

A palavra fetiche chega ao vocabulário da arte marcada por uma violência histórica. Sua raiz remonta ao latim *facticius*, aquilo que é fabricado, artificial, feito pela mão humana. No português, o termo deriva para a palavra feitiço, utilizada no contexto colonial para nomear objetos venerados pelas populações da Costa do Ouro na África investidos de poder espiritual e tratados pelo olhar europeu como superstição, exotismo e desrazão. Antes de ser categoria estética, o fetiche foi instrumento de distorção: uma tentativa de reduzir cosmologias complexas a curiosidades materiais.

Recuperar a raiz da palavra e realocar seus sentidos é disputar símbolos que nos constituem. O chamado “fetiche” reaparece não como superstição, mas como sistema simbólico, condensação de forças, objeto vivo inseparável de comunidade, rito e memória. A exposição evidencia que não existe objeto neutro: toda forma carrega relações, temporalidades e modos de mundo.

Na obra de Mônica Ventura, acessamos uma série de práticas que aproximam objetos e processos rituais de diversas origens através da arte. Não como ilustração histórica, mas como prática, tecnologia simbólica, operação de transformação, matéria animada. Esculturas, pinturas, instalações surgem como corpos-recipientes de energia, dispositivos de troca entre visível e invisível. A exposição propõe, assim, um deslocamento do fetiche colonial para a obra ritual – não como relíquia etnográfica, mas como presença ativa.

A exposição *Antes da forma, o encanto* apresenta desdobramentos da pesquisa que a artista vem desenvolvendo nos últimos dez anos ao lado de obras e instalações inéditas para pensar um universo no qual matéria e espírito não se separam. O escritor Senegalês, Leopold Senghor escreveu que “a emoção é negra como

a razão é helênica”, formulação apresentada em *Ce que l’homme noir apporte* (1939) e retomada em diversos ensaios posteriores. Frase muitas vezes debatida, mas que não se reduz a uma oposição essencialista, saindo em defesa de epistemologias sensíveis recusadas pela modernidade europeia. O sensível, aqui, não se opõe ao conhecimento: é outra via de inteligência da matéria.

A cabaça atravessa toda a mostra como eixo formal e ancestral. Para a artista, e a partir de muitas cosmovisões afro-indígenas, o fruto da *Lagenaria siceraria*, também conhecido como cuia, igbá ou poronga, é a forma matricial do mundo. Pensando a cabaça como vaso ritual e corpo ancestral, seu desenho curvilíneo, simultaneamente ventre, recipiente e semente, desdobra-se em múltiplas linguagens. A cabaça aparece em ouro, em aço corten, em madeira carbonizada, em cerâmica e em sua forma natural, tornando-se monumento: um corpo múltiplo.

A artista atua como pesquisadora ativa: investiga materiais, cosmologias, técnicas construtivas, liturgias, plantas, óleos essenciais, metais, pigmentos e modos de fazer que atravessam tempos e geografias. A exposição pensa identidades como rede em movimento contínuo, tornando o espaço expositivo em um laboratório, abrigo e altar. Da alquimia e da espagiria à construção de altares; dos modos de erguer paredes de terra às geometrias devocionais; das oferendas votivas às arquiteturas simbólicas que atravessam o hinduísmo e o Candomblé. Essências, circulação, retornos: tudo gira como roda. Nesse circuito, acessamos princípios dinâmicos como passagens, trocas e recomeços.

Se o fetiche colonial procurou aprisionar o objeto em uma leitura fixa, Mônica Ventura devolve à forma sua instabilidade original. Cada obra é um feitiço que age, transforma e devolve movimento ao mundo.

Paisagem para um sol negro
(série *A grande dama*), 2026
aço corten, cabaça, latão
edição de 3 + 1 PA
190 x 100 x 134 cm



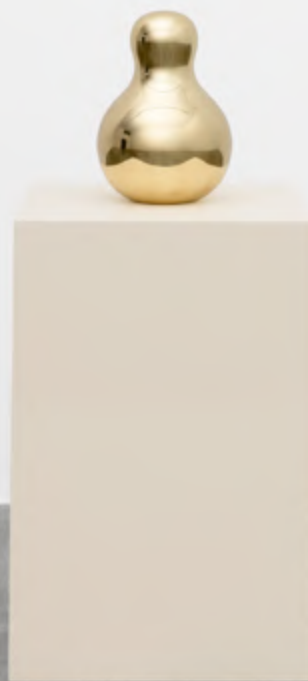


"Nessa exposição, cada peça é menos um fio do que um acontecimento. Um feitiço, no sentido mais preciso, é aquilo que não age para encerrar, mas para abrir. O feitiço, é um grande portal."

—Mônica Ventura



A guarda do tempo, 2025
latão
edição de 5 + 1 PA
27 x Ø 17 cm







vista O Sorriso de Acotirene na
exposição *Histórias Feministas*,
MASP, 2019

esquerda

Excorpóreo #01, 2026

madeira carbonizada e folha de ouro
48 x 40 x 30 cm

meio

Excorpóreo #05, 2026

madeira carbonizada e folha de ouro
50 x 29 x 30 cm

direita

Excorpóreo #04, 2026

madeira carbonizada e folha de ouro
49 x 36 x 35 cm



"No meu trabalho a cabaça aparece como um corpo ancestral, uma tecnologia sensível. Ela é ventre, recipiente, mundo. E, nesse sentido, a forma não representa, mas condensa, e nela encontramos o interior e o exterior. É como uma matriz que não apenas organiza a matéria, mas orienta os modos de perceber, de conter, de oferecer."

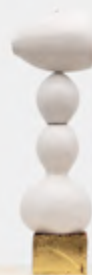
—Mônica Ventura





vista da instalação
Daqui um Lugar, 2025
Pinacoteca do Estado
de São Paulo, Brasil

Passarinhas, 2026
porcelana, latão, madeira
e folha de ouro
43 x 11 x 14,5 cm





Passarinhas, 2026
porcelana, latão, madeira
e folha de ouro
53 x 15 x 11 cm





VIII (série *Alteia*), 2026
tinta óleo sobre tela
198 x 198 cm







Mônica Ventura na exposição
*A Noite Suspensa/O que posso
aprender com o Silêncio*, 2023
Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

A noite suspensa - União dos opostos, 2026
terra, pigmento e latão
edição de 5 + 1 PA
Ø 40,5 x 5 cm



"Para mim, a ancestralidade não é sobre pensar um passado distante, mas sim uma presença contínua que insiste no agora. É algo que retorna não como uma repetição, mas como variação, desvio, reinvenção. Entendo o tempo não como linha, mas como giro, percebido em camadas que se atravessam."

—Mônica Ventura



A noite suspensa - Corpo solar, 2026
terra, pigmento e latão
edição de 5 + 1 PA
30,5 x 34 x 5 cm





A Noite Suspensa/O que posso
aprender com o Silêncio, 2023
Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil



X (série *Alteia*), 2026
tinta óleo sobre tela
198 x 205 x 3,5 cm





XI (série *Alteia*), 2026
tinta óleo sobre tela
198 x 200 x 4 cm







vista da instalação
Respiradouros, 2026
Nara Roesler São Paulo, Brasil



vista da instalação
Respiradouros, 2026
Nara Roesler São Paulo, Brasil



vista da instalação
Respiradouros, 2026
Nara Roesler São Paulo, Brasil

De Amanhã para Ontem, 2021
Centro Cultural São Paulo,
São Paulo, Brasil



mônica ventura

n. 1985, São Paulo, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Mônica Ventura é uma artista visual e designer, formada em Desenho Industrial pela FAAP, e mestre em Poéticas Visuais (PPGAV) pela ECA-USP, cujo trabalho investiga as complexas intersecções entre o feminino e a racialidade. Através de uma pesquisa aprofundada, a artista resgata e reinterpreta elementos culturais pré-coloniais como a arquitetura e as técnicas de trabalho manuais dos povos afro-ameríndios. Para Ventura, esse mergulho em saberes ancestrais é uma forma de reconexão pessoal. “A ancestralidade é uma chave para lembrarmos de quem somos e de seguir se desvinculando do plano colonizador que visa polir a individualidade”, explica.

Sua prática multidisciplinar abrange vídeo, escultura e pintura, permitindo-lhe transitar entre o espiritual e o concreto, e dar voz às experiências multifacetadas das mulheres negras, com um olhar que combina força e a delicadeza do feminino. Ao desafiar o formalismo estético, Ventura cria um “belo ruído organizado”, que convida o público a refletir sobre identidade, memória e poder.

exposições individuais selecionadas

- *Mônica Ventura: Daqui um Lugar*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2025)
- *A Noite Suspensa ou o que posso aprender com o Silêncio*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2023)
- *O Sorriso de Acotirene*, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Padê – sentinela à porta da memória*, Museu Afro Brasil, São Paulo, Brasil (2026)
- *Dos Brasis: arte e pensamento negro*, SESC, São Paulo, Brasil (2023–2024)
- *Cantando Bajito: Incantations*, Ford Foundation, Nova York, EUA (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), São Paulo, Brasil (2023)
- *Brasil Futuro: Formas da Democracia*, Museu da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Enciclopédia Negra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Histórias Feministas*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

50

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art